

Recebido: 13/11/2024 | Revisado: 11/12/2024 | Aceito: 11/01/2025 | Publicado: 01/06/2025



This work is licensed under a
Creative Commons Attribution 4.0 Unported License.

DOI: 10.31416/rsdv.v13i3.1284

Saudade e pertencimento nas paisagens poéticas do sertão pernambucano de Virgílio Siqueira

Longing and belonging in Virgílio Siqueira's poetic landscapes of the Pernambucan sertão

CAVALCANTI, Kamilly Vitória dos Santos. Ensino Médio Integrado em Edificações

Instituto Federal de Educação, Ciência, e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE) - Campus Santa Maria da Boa Vista. BR 428, km 90, s/n, Zona Rural, Santa Maria da Boa Vista, PE, Brasil. CEP: 56380-000

E-mail: kamilly.vitoria@aluno.ifsertao-pe.edu.br / Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-5995-9714>

NASCIMENTO, Josivan Antonio do. Doutor em Letras

Instituto Federal de Educação, Ciência, e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE) - Campus Santa Maria da Boa Vista. BR 428, km 90, s/n, Zona Rural, Santa Maria da Boa Vista, PE, Brasil. CEP: 56380-000

E-mail: josivan.nascimento@ifsertao-pe.edu.br / Orcid: <http://lattes.cnpq.br/2858410818741195>

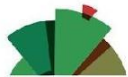
RESUMO

O sentimento de saudade incorpora a expressão afetiva da existência humana, enraizada em signos que representam experiências prazerosas e memórias duradouras de ser e existir no tempo. Este estudo investiga as dimensões de saudade e pertencimento nas paisagens poéticas do sertão pernambucano retratadas em *Cânticos de sol e de chuva: auto de Natal na caatinga*, de Virgílio Siqueira. Por meio de pesquisa bibliográfica e análise crítica, este trabalho explora os elementos animais, humanos e vegetais poetizados por Siqueira, com base nas ideias de saudade propostas por Bertini (2016), Costa (1976) e Gebara (2010), bem como no conceito de signo discutido por Peirce (2010) e Pignatari (2017). Os resultados revelam que a poética de Siqueira transmite um sentimento implícito de saudade uterina. O desejo de retorno às origens imbui o sertão do sentimento de pertencimento, funcionando como motricidade emotiva da saudade. Os afetos da saudade desdobram os signos em um processo de semiose, harmonizando as estações seca e chuvosa para refletir a existência e resiliência da vida no bioma da caatinga.

Palavras-chave: Afeto, Identidade, Caatinga, Poesia.

ABSTRACT

The feeling of longing embodies the affectionate expression of human existence, rooted in signs that represent pleasurable experiences and enduring memories of being and existing in time. This study delves into the dimensions of longing and belonging within the poetic landscapes of the Pernambucan *sertão*, as depicted in *Cânticos de Sol e de Chuva: Auto de Natal na Caatinga*, by Virgílio Siqueira. Employing bibliographic research and critical analysis, this work explores the animal, human, and vegetal elements poetized by Siqueira, drawing on ideas of longing from Bertini (2016), Costa (1976), and Gebara (2010), as well as the concept of sign as discussed by Peirce (2010) and Pignatari (2017). Findings reveal that Siqueira's poetry conveys an implicit feeling of uterine longing. The desire to return to the homeland imbues the *sertão* with a sense of belonging, functioning as the emotional driving force of this longing. The affections of longing bring signs into relation to a semiosis process, harmonizing the dry and rainy seasons to reflect the existence and resilience of life within the caatinga biome.



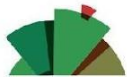
Keywords: affection, identity, caatinga, poetry.

Considerações iniciais

O conceito de saudade constitui modos de afeto que podem provocar dor, sofrimento e prazer a partir de lugares visitados, paisagens contempladas e experiências existenciais. Trata-se de um sentimento humano que se manifesta de diversas maneiras, podendo aflorar-se mais emocional do que racionalmente. Partindo das contribuições de Gebara (2010), entende-se que a expressão afetiva da saudade pode surgir por meio de estímulos artísticos (audiovisuais, literários, musicais...), científicos (aulas, discussões, eventos...), culturais (cinema, concerto, teatro...) e sociais (conversas, encontros, relacionamentos...), por exemplo. Cada circunstância vivida pode desencadear em indivíduos e grupos diferentes modos de experiência de construção da saudade em relação ao objeto experienciado. Isso significa que a expressão da saudade em sua dimensão de prazer e dor pode se manifestar de forma individual e coletiva.

O sentimento de saudade pode também incluir uma sensação inesperada de nojo, embora não se trate de um conceito comumente associado à saudade. Ainda assim, é possível que esse modo de experiência aconteça em momentos específicos, especialmente quando ocorre a aversão por algo que pode se transformar em tristeza. Dessa forma, a tristeza pode afligir o eu de tal forma que o desânimo domina as demais expressões de sentimento, causando uma saudade melancólica. A duração desse modo de saudade pode ser temporária ou até mesmo permanecer por toda a vida. A melancolia saudosa pode desencadear enfermidades correlatas mortais para o sujeito que temporiza o presente numa saudade doentia. O desgosto trazido pela saudade provoca dor e permite que a tristeza se instale terminantemente e fortaleça o desejo de chorar devido ao vazio criado.

Com base nessa perspectiva, como se expressam as experiências da saudade em situações de contraste afetivo? Para compreender como essas sensações contrastantes se manifestam, esta pesquisa examinou as estações da saudade na obra *Cânticos de sol e de chuva: auto de Natal na caatinga* (2017), do poeta pernambucano Virgílio Siqueira. Os cânticos do sertão musicalizam o bioma da caatinga durante as estações seca e chuvosa. Embora a palavra *saudade* não apareça explicitamente nos poemas, entende-se que as condições de existência retratadas



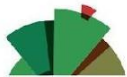
na obra revelam implicitamente os afetos de saudade que movem o eu poético diante das mazelas da vida. A saudade implícita surge em experiências construídas na caatinga por meio do desejo de retorno, lembrança da infância e das paisagens naturais. Para isso, as análises se concentraram na forma implícita como a saudade é expressa nos poemas, especialmente nas ações e falas das personagens.

O poeta e compositor Virgílio Siqueira nasceu em 1956, na região de Santa Cruz, microrregião de Araripina, localizada na mesorregião do sertão pernambucano, onde passou a fase da infância. Atualmente, Siqueira vive em Petrolina, Pernambuco, construindo o labor poético às margens do rio São Francisco. Com diversas músicas gravadas, Siqueira aborda em *Cânticos de sol e de chuva* as particularidades do bioma da caatinga na região do sertão pernambucano, dando ênfase às estações de seca e chuva, fartura e miséria. A obra narra as dificuldades enfrentadas pelas personagens da narrativa poética, destacando tanto as belezas da região quanto os desafios pela sobrevivência.

O estudo foi conduzido por meio de pesquisa bibliográfica, orientada por anotações e leitura dialógica dos poemas a partir da perspectiva de saudade discutida por Bertini (2016), Costa (1976) e Gebara (2010). Além disso, as análises consideraram ainda para discussão as condições de semiose causadas por elementos naturais da estação seca (degradação animal, humana e vegetal) e chuvosa (renascimento da vegetação, produção agrícola e reprodução das espécies). Para isso, foram levados em conta os conceitos de signo com base na perspectiva de Peirce (2010) e Pignatari (2017). Dessa forma, apresenta-se neste estudo uma análise das estações da saudade conforme retrata Siqueira por meio das paisagens cantadas pelo eu poético do sertão.

Fundamentos da saudade

O estudo do conceito de saudade apresenta uma discussão próspera no pensamento filosófico português. Em Portugal, a filosofia da saudade se organiza em diversos ciclos, partindo desde a poética dos cancioneiros às contribuições de autores contemporâneos. Conforme aponta Teixeira (2006), a evolução dos estudos deu origem a três planos principais de expressão e entendimento da saudade: o psicológico, metafísico/ontológico e teológico. Em cada eixo, vários autores apresentam contribuições teóricas de modo que expandem a discussão do conceito

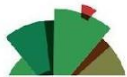


de saudade. Cada plano filosófico em Portugal atribui à palavra saudade diferentes perspectivas e significados. Ainda segundo Teixeira, tanto D. Duarte como outros pensadores contemporâneos portugueses afirmam que a palavra saudade é singular para a cultura portuguesa, apresentando-se sem tradução equivalente no próprio latim e em outras línguas.

O escopo filosófico da saudade não prosperou teoricamente nos demais países lusófonos. No Brasil, por exemplo, o conceito de saudade não apresenta amplo desenvolvimento em estudos filosóficos. Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e Miguel Reale (1910-2006) são apontados por Teixeira (2006) como os principais nomes que deram certa importância filosófica à saudade no Brasil.

A saudade se constitui como um modo de expressar a condição humana em sua incompletude. De acordo com o dicionário Mini Aurélio da língua portuguesa (Ferreira, 2020), a palavra saudade tem origem do vocábulo *solitade*, do latim. No dicionário, a saudade é descrita como uma *lembrança melancólica e suave*, podendo ocorrer devido à distância ou extinção do objeto causador desse sentimento. É curioso observar como a questão da distância é associada à saudade, visto que o estímulo da saudade pode estar dentro do próprio eu. E a interioridade da saudade no eu, partindo da perspectiva de Gomes (1976), pode ser fundamental para o próprio eu conhecer a si mesmo, tendo como base a afirmação da subjetividade diante da objetividade. Considerando este contexto, de acordo com Gomes, a saudade é dinâmica. Diante disso, entende-se que a ideia de saudade abrange um escopo conceitual que não se limita a dimensões de espaço e tempo, pois a expressão desse sentimento contempla uma atemporalidade dentro e fora do eu que sente saudade também de si mesmo.

Conforme aponta Gebara (2010), além da saudade dos vivos e dos mortos, existe ainda a saudade de si, a herdada e a inventada quando não há modo de sentimento apazível ao sujeito saudosos. Em todo caso, a saudade se torna um modo de padecimento dos fragmentos de memórias que causam dor e prazer. Gebara acrescenta que os dois grandes modos de viver a saudade são o nostálgico e o doentio. No primeiro, existe um desejo esperançoso de eliminar a saudade pela presença. Isso ocorre quando a saudade constitui a lembrança das boas experiências vividas. No segundo, a saudade doentia ou enferma impossibilita que haja esperança de findar a saudade sentida. O desespero torna impossível que a saudade seja



saciada. Por conseguinte, a desesperança de saciedade da saudade que se sente adoece e destrói por dentro o sujeito saudoso.

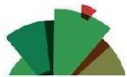
A saudade pode ser vivida como um sentimento afetivo, doloroso ou nostálgico. A saudade dolorosa ocorre, por exemplo, quando se perde alguém querido ou quando se é forçado a deixar um lugar por razões pessoais, como acontece na obra *Vidas secas* (2013), de Graciliano Ramos (1892-1935), lançada em 1938. A narrativa aborda os desafios naturais e sociais enfrentados pelas personagens durante a estação seca, onde a degradação do meio ambiente impacta as condições de sobrevivência. Em busca de melhores condições de vida, as personagens deixam o Nordeste e migram para terras distantes e estranhas com costumes diferentes. Embora a expectativa de prosperidade motive essa migração, percebe-se que, não fossem as dificuldades impostas pela seca, certamente não abandonariam o local de origem. O afastamento forçado, portanto, contribui para o surgimento de uma saudade afetiva em relação ao espaço deixado para trás.

Além da saudade que traz dor e sentimento, há também aquela que evoca lembranças prazerosas e sentimentais, ligadas à nostalgia de momentos marcantes, paisagens contempladas e lugares visitados. Como aponta Bertini (2016), a palavra saudade se torna difícil de ser traduzida para outras línguas, pois representa um sentimento complexo e profundo, com múltiplos significados que variam conforme o contexto cultural e linguístico. Bertini observa que o amor é um dos principais motivos pelos quais as pessoas sentem saudade, dificultando os sentimentos de serem controlados pela razão, o que gera um conflito entre emoção e racionalidade.

Com base nessa perspectiva crítica, a saudade é considerada única em seu significado na língua portuguesa, atingindo patamares significativos além do que expressam outras culturas. Os sentimentos envolvidos na saudade se referem à nostalgia, desejo, melancolia. Como explica Bertini:

A palavra une o tempo, acende o passado, dilui o presente, acrescenta e retira a dor - no mesmo instante. A escrita ou o canto torna-se abismo e redenção: sentir saudade é estar diante do que não se pode visualizar (o amor, o lugar, as pessoas que estão no passado) - assim como na impossibilidade da visão abismal - e diante da libertação da dor da ausência, quando, no ato do lembrar-se, torna-se presente o que se amou (Bertini, 2016, p. 2).

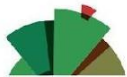
Conforme destaca Bertini (2016), cada pessoa interpreta e sente a saudade de



maneira única, seja pela lembrança de alguém, de um lugar, ou de experiências compartilhadas. É por isso que tantos autores expressam suas saudades em canto, música e poesia, revelando a profundidade emotiva desse sentimento. A saudade se enraíza em vivências culturais e se reflete amplamente na literatura, música e cultura lusófona. Ela permite refletir sobre aspectos fundamentais da condição humana, como o apego emocional e a percepção do tempo e da ausência. Cada indivíduo apreende e experimenta o sentimento de saudade de forma diferente, moldada por memórias e vivências, como pode ser observado nestes versos de Siqueira (2017, p. 130): “Eu trago sempre, guardado em meu peito / Este sertão que aflora do que já fora esquecido / Da amplidão aos caminhos mais estreitos / Do que não morrera, mesmo quando carcomido”. Entende-se, dessa forma, que a saudade pode ser dolorosa ou feliz, remetendo ao passado ou esperando algo no futuro, como um reencontro que revive lembranças perdidas. Ao longo da vida, são acumuladas experiências que, ao serem recordadas, fazem sentir saudade, consolidando esse sentimento como parte essencial da experiência humana.

Em seu aspecto metafísico, Costa (1976) postula que a saudade corresponde a uma passagem do tempo à eternidade. A construção da saudade ocorre por meio de uma mediação recíproca entre passado e futuro, terra e céu, morte e vida, homem e deus, fechando-se em círculo. Dessa forma, a saudade age no tempo da alma e se manifesta como estado superior de consciência, tornando-se força de contemplação. A perspectiva de saudade apontada por Costa, segundo comenta Teixeira (2006), considera a saudade como um movimento ou ação, com natureza vivida, concreta e prática envolvendo experiência direta. Os três aspectos da saudade para Costa, conforme citados por Teixeira, incluem: saudade relacionada ao tempo, a noção de reminiscência e a harmonia entre paganismo e cristianismo. No tempo, a saudade perde sua forma linear e se torna circular: passado se torna futuro e este o passado, instaurando eterno presente. Uma vitória do homem sobre o tempo.

A experiência da saudade deve ser aproveitada em sua plenitude, mesmo quando as pessoas não conseguem perceber a manifestação desse sentimento entre si. Isso pode ocorrer, por exemplo, em situações de saudade compartilhada, quando a morte de alguém ou as memórias de um lugar produzem saudades coletivas. Ainda assim, não é possível saber exatamente o que cada pessoa sente. A arte, nesse caso,



se torna uma ferramenta de expressão da saudade quando o sentimento não consegue ser externalizado de outra maneira. Percebe-se, então, que a saudade está profundamente ligada às emoções de cada pessoa.

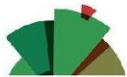
Ao longo da vida, cada indivíduo acumula experiências que se transformam em memórias que, com o tempo, evocam saudade, especialmente quando se está conectado a contextos culturais específicos. A saudade permite refletir sobre a maneira como as pessoas se expressam e compreendem a condição humana atrelada a esse sentimento, como o apego emocional, a passagem do tempo e a experiência da ausência. Dessa forma, a saudade se torna uma ponte entre o que ocorreu e o que se deseja reencontrar, revelando-se como um componente essencial da experiência de existir. Por conseguinte, a experiência de diferentes circunstâncias existenciais condiciona a expressão da saudade no tempo, criando as *estações da saudade*. A mudança das estações é crucial no lirismo poético de Siqueira quando retrata os cânticos de sol e de chuva em sua obra. No tópico a seguir são explorados esses elementos que fundamentam a saudade na caatinga.

Cânticos de sol e de chuva

Os cânticos de sol e de chuva poetizados por Siqueira constituem uma peça com composições musicais assinadas em coautoria com Davi Siqueira e Zélia Grajaú. A obra exalta as estações da caatinga por meio de poemas que preservam a beleza estética e a regularidade métrica, rítmica e sonora dos versos. Os temas exaltados fazem parte do cotidiano dos seres que habitam o sertão em tempos de bonanças e mazelas. A saudade, nesse caso, aparece como um conceito implícito que pode ser observado a partir do comportamento das personagens.

A peça narra os desafios dos seres que resistem aos flagelos da seca e do homem que retorna ao sertão de origem após fracassar em busca de novas oportunidades. O retorno do sertanejo para o sertão retrata a potência afetiva que a saudade transfere ao ser humano quanto às memórias experienciadas.

A peça descreve as paisagens da caatinga em 12 cânticos. Os seis primeiros retratam a estação seca e acinzentada. Os cânticos restantes exaltam as paisagens de belezas campesinas esverdeadas, fontes de águas jorrantes, fartura de alimentos e felicidade que se reflete nos animais, nas plantas e no sertanejo. As personagens que aparecem na peça representam os próprios elementos da natureza. A ficha



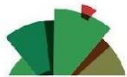
técnica da obra descreve as personagens do seguinte modo:

- a) Benjamin: retrata o homem sertanejo quanto à força, resiliência, rispidez e capacidade de lidar com as próprias mazelas em tempos difíceis. Trata-se do homem com pele queimada do sol que conhece com sabedoria a natureza e o chão onde habita;
- b) Clarinda: retrata a mulher sertaneja com traços de beleza típica do sertão, destemor, força física, misticismo, rigidez e ternura. Clarinda esculpe-se em mulher alta e magra com pele queimada pelo sol da caatinga. Conhece a natureza e o sertão com sabedoria;
- c) Maria Parteira: retrata a mulher que não teme à vida ou morte. Dedicar-se ao ofício de parteira com bondade e desprendimento. O amparo ocorre em momentos e lugares que não impõem limites. Maria Parteira representa a mulher que traz vida ao sertão por meio de sua sabedoria natural e mística;
- d) Ivan e Aída: são gêmeos que guardam um segredo no nome que só pode ser revelado em dia especial de bonança e inverno bom. Ivan se refere à ternura e tenacidade, ao passo que Aída retrata fibra e doçura. No mistério, os nomes se completam.

Com base na descrição das personagens, Siqueira (2011) acrescenta ainda que o cenário da peça vai se apresentando à medida que as ações ocorrem. Cada diretor possui a liberdade de encenação da peça, desde que sejam evitadas imagens pejorativas, conforme orienta o próprio autor. Siqueira defende que a caatinga deve ser retratada com dignidade em sua grandeza natural, apesar da pobreza humana que aparece na obra.

Os primeiros cânticos são cantados por Benjamin, que mostra as dificuldades dos animais, da terra e da vegetação durante a estação seca com a escassez de água e alimento. A presença de Clarinda, esposa de Benjamin, é mais recorrente a partir do cântico sexto, quando é enfatizado o cenário da estação chuvosa. Essa divisão destaca a obra em duas estações: o verão de Benjamin e o inverno de Clarinda. O encontro entre as estações reproduz nos gêmeos um equilíbrio natural e necessário para a manutenção da semiose que ordena a vida no sertão. Benjamin representa o tempo perdido, enquanto Clarinda traz esperança mística de transformação da caatinga.

A construção desse modo de sentido por parte das personagens é possível



devido à funcionalidade do signo como algo que representa ou substitui alguma coisa, de certa maneira, para atingir certos efeitos, conforme destaca Pignatari (2017). A leitura semiótica de Pignatari se alinha à sistematização das categorias de signo proposta por Peirce (2010). De acordo com a semiótica peirceana, o signo atua por meio de relações triádicas:

Um *Signo* é tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu *Objeto*, com respeito a uma Qualidade, de modo tal a trazer uma Terceira coisa, seu *Interpretante*, para uma relação como o mesmo Objeto, e de modo tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele Objeto na forma, *ad infinitum* (Peirce, 2010, p. 28, grifo do autor).

A perspectiva de signo abordada por Peirce (2010) é apresentada em categorias que se organizam conforme os modos de relação entre os eixos do signo, objeto e interpretante. Essas categorias são chamadas de *Primeiridade*, *Segundidade* e *Terceiridade*, nas quais atuam modos de relação por *iconicidade*, *obsistência* e *transuasão*. Esse desencadeamento ativo entre os diferentes modos de signos proporciona a formação da semiose, que fundamenta a relação signo-objeto-interpretante. O conceito de semiose se constitui pela ação dos signos que envolvem a produção de sentido.

No tocante aos cânticos de Siqueira, entende-se que cada personagem revela as facetas da caatinga conforme as experiências de vida enfrentadas no sertão. Os modos de vida fazem parte de uma semiose que se materializa em signos naturais e humanos que condicionam a construção de afetos e memórias pela iconicidade. Esses elementos atribuem autenticidade e riqueza poética nas percepções construídas pelo eu poético na obra. Dessa forma, o eu poético de Siqueira permite compreender que os seres que constituem a flora e fauna da caatinga atuam com funções sígnicas para o sertanejo quando expressam sentimento de afeto, agouro, felicidade, melancolia, premunição e saudade. A exaltação equilibrada das paisagens cinzentas e verdes do sertão tornam a obra singular no modo como capta as diferentes perspectivas de entendimento do bioma da caatinga.

A obra se inicia com uma descrição do retorno do sertanejo ao local de origem no período de seca. O cenário sem vida se mostra em cores acinzentadas e tristes. O retorno significa, para a personagem, o reencontro com as raízes que alimentam e renovam o eu poético que se sente carcomido e distante de sua terra de origem, como revelam estes versos do cântico primeiro:



O retorno

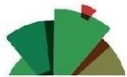
Eis-me novamente aqui
De volta ao recanto
De onde, um dia
Fugindo da seca
Sem nada, parti

Eis-me novamente aqui
Retalhado e recolhido
Farrapo-trapo, subumano
Macerado e resumido
Pelo tempo, mundo afora
Torturado e carcomido
Meio bicho, meio insano
Sem sossego e sem sentido

No entanto, ainda vivo
[...]
(Siqueira, 2017, p. 107, grifo do autor).

A busca por melhores condições de vida fora do lugar de origem é retratada pelo eu poético como uma situação frustrada. Os signos que constituem esse modo de existência do sujeito distante corroem o corpo e fortalece o desejo de retorno para o sertão. Embora o poema não apresente a palavra *saudade*, pode-se entender que, implicitamente, o retorno é motivado por uma questão afetiva e existencial. Esses dois elementos são fundamentais para a construção da saudade. É por meio do afeto e da memória que a saudade se manifesta. O sertão se torna saudoso quando o retorno assume a função de renovar o eu poético do fracasso acumulado mundo afora, como se nota nos versos finais do poema: “Pronto para ser renovado / E novamente reconstruído” (Siqueira, 2017, p. 107). A maneira como Siqueira finaliza o cântico primeiro demonstra como o sertão estimula a condição afetiva e existencial dos seres que nele habitam. É relevante notar, nesse caso, que o retorno ocorre no momento de estiagem. O encontro com a seca apresenta as nuances do sertão quando a caatinga padece em cores acinzentadas.

A exuberância da vegetação verde desaparece quando a chuva cessa. A degradação das coisas e dos seres desaparecem no tempo e nas taperas. O sol seca os rios dos cardumes e de seres folclóricos como lara, Nego D’água e outros. Entre as espécies de flora afetadas, o eu poético destaca a catingueira como uma árvore simbólica para o sertanejo. A sombra da catingueira hospeda bicho e homem em momentos de abrigo, resistência, esperança, adoração, reflexão, tristeza e



agradecimento. O misticismo religioso se torna a base da existência do homem que enfrenta o sol laminante na estação seca da caatinga. A tristeza resultante da seca pode ser entendida como um efeito de saudade implícita da estação que representa o inverno para o sertanejo. A saudade surge dos momentos de felicidade, como aponta Bertini (2016, p. 6): “não sentimos saudade de coisas que nos entristeceram ou que nos fizeram mal. A saudade é uma tristeza da perda de algo que foi bom e que gostaríamos que estivesse novamente conosco”. Bertini pondera que a saudade existe em função dos bons momentos que foram vividos. É essa vivência que torna as pessoas capazes de construir a saudade.

Considerando a organização da peça, pode-se entender que a obra retrata nos cânticos uma expressão poética que se liga, de alguma maneira, ao sentimento de saudade, mesmo que implicitamente. Siqueira utiliza o cântico para exaltar a exuberância poética da caatinga por meio dos elementos humanos e naturais que a constituem. Por se tratar de canto, os versos preservam uma unidade rítmica e sonora fundamental para expressar a beleza do sertão cantado. O tópico seguinte apresenta como se constituem as paisagens do sertão a partir do eu poético de Siqueira.

Paisagens do sertão

As paisagens do sertão pernambucano são cantadas por Siqueira com riqueza musical e poética. Cada verso preserva certa regularidade sonora e visual arranjada em linguagem ordenada por disposições visuais que valorizam os elementos da caatinga retratados nas estrofes. Os poemas ressaltam a natureza sertaneja em diferentes aspectos de cada estação climática. Os principais elementos de cada estação são apresentados por meio das paisagens que constituem animais, árvores, insetos, objetos, plantas, rios e outros. Os poemas retratam tanto a beleza quanto os desafios que cada ser enfrenta no bioma da caatinga no sertão pernambucano. O eu poético se expressa por meio de cânticos que exaltam as paisagens e refletem os momentos bons e ruins da vida sertaneja.

A escrita de Siqueira permite sentir a saudade que emana das personagens na peça quanto ao desejo de retornar à terra que deixaram. No cântico quinto, por exemplo, a descrição da seca revela a fragilidade da natureza quando a escassez de água é predominante. Quando os rios secam, as dificuldades se intensificam,



tornando a vida incerta e dolorosa. O desaparecimento dos seres que completam a natureza cria um vazio ressaltando o humano que permanece e se apodera do sentimento de saudade:

[...]
Seguindo, absorvo a paisagem
Ouço, na curva seca do rio, nos confins
Na textura estéril da não-umidade, um clamor

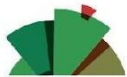
Incandescidas claves de sol ao céu
Em acesos acordes compõem
Trilha de incertezas e dor

Numa cantiga de rasgos e estalidos
Estrilam casacas-de-couro
Irrequietos duetos

Tanto sol, quase nenhuma sombra
Sem arvoredos um rouxinol
Trina e me alerta
[...]
(Siqueira, 2011, p. 24).

A expressão da musicalidade, mesmo diante das dificuldades, serve de base para esperança e resistência contra os tempos difíceis. O poema evoca uma paisagem árida, onde a caatinga em estado desolado fundamenta uma reflexão melancólica e contemplativa do eu poético. O destaque ao clamor explora a ideia de ausência e esquecimento. Trata-se não somente da falta de água, mas de vitalidade e esperança. As claves de sol cantam ao céu uma metáfora do sofrimento presente, reverberando em forma de incerteza e dor. A musicalidade trina no sertão um cenário marcado por escassez e desgaste.

O eu poético se mostra em contraste de luz e sombra de cada estação, reforçando a temática da escassez, especialmente a de alívio e descanso. Em meio ao desespero, o canto do pássaro informa um lamento de resistência e desolamento. Os sons do flagelo da seca são ásperos e instáveis, simbolizando o caos e a teimosia dos seres pela sobrevivência. O poema reflete a tensão entre homem e natureza em seus aspectos de esgotamento. Siqueira consegue poetizar uma caatinga que sofre e exalta em sonoridade uma dor que canta seu próprio lamento corrosivo. Essa corrosão, por certo, não se torna suficiente para romper da semiose o sentimento de saudade que se estabelece nos signos que acompanham a experiência existencial do sertanejo.



O sentimento de saudade, como nas demais partes da peça, aparece implicitamente tecida em imagens de um ambiente árido, causador de ausência e vazio. A falta dos elementos naturais representa o esgotamento das emoções. O clamor exalta um tempo perdido que demora se reconstruir nas estações da caatinga. O trinado do rouxinol evoca uma saudade do que falta, revelando sentimentos melancólicos e nostálgicos. Desse modo, a saudade persiste no poema como possibilidade de esperança onde existe a ausência do que se desolou temporalmente com a mudança das estações.

De maneira contrastiva ao cântico quinto, o cântico nono descreve as abundâncias da caatinga na estação chuvosa. Toda a paisagem seca poetizada no cântico quinto se regenera com a chegada da chuva. Será que essa transformação pode ser entendida como o reencontro da saudade? Certamente! Como ressalta Bertini (2016), as experiências ruins não produzem saudades. Dessa forma, entende-se que a estação chuvosa produz uma estação de saudade que se reencontra a cada estação da caatinga. Nestes versos do cântico sétimo, Siqueira revela a felicidade do sertanejo no reencontro com a estação chuvosa:

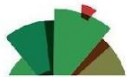
Tempo de chuva

Quando seu Luiz lança os olhos ao céu
Voam com eles, a fibra de uma crença
Uma fé castiça, uma ferrenha força
E uma esplandecida esperança

Quando o verde pelo sertão se espalha
E se espelha nos olhos do amor de Luiz
Acende-se a festa-fogueira no coração
Do sertanejo que canta feliz
[...]

(Siqueira, 2017, p. 128, grifo do autor).

A chegada da chuva contribui para que cada ser manifeste a condição de existência em outros seres por meio da reprodução. Luiz representa o homem que enfrenta as mazelas no sertão para contemplar a felicidade de plantar e colher quando ocorre a temporada de chuva. É a estação chuvosa que possibilita a renovação dos ciclos de vida no sertão para enfrentar os desafios durante a estação seca. A chuva fertiliza o solo, produz alimento e renova a vegetação com novas cores que abrigam a reprodução dos seres. O homem semeia e colhe os frutos de uma estação abundante em vida. A esperança da catingueira florida, poetizada no cântico



quarto, se efetua no verde que se espalha pelo sertão e se espelha na felicidade do sertanejo, poetizado no cântico sétimo.

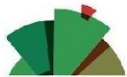
Essas são as paisagens do sertão cantadas por Siqueira. Cada estação constitui um modo de existência e afeto. Os dias e as noites assumem diferentes perspectivas de encantamento e desolamento quando as estações se renovam. Cada ser particulariza o tempo e a saudade conforme as dificuldades que enfrentam na caatinga. Dessa forma, pode-se entender que os afetos de cada ciclo produzem modos de saudade que se organizam em estações diferentes. Esse processo de semiose abre caminho para o estudo semiótico dos diferentes signos que constituem o bioma da caatinga no âmbito animal e humano. São destacadas, a seguir, algumas particularidades que se fundam nas estações da saudade.

Estações da saudade

A captação do sentimento de saudade na obra de Siqueira exige um esforço de leitura e entendimento dos elementos implícitos nos poemas, visto que o termo sequer aparece nos versos. Todavia, a perspectiva sensorial sobre os elementos da caatinga apresentada pelo eu poético por meio do contraste das estações revela a expressão da afetividade em relação aos espaços poetizados. As estações seca e chuvosa permitem, dessa maneira, identificar o sentimento de saudade em estações distintas.

Considerando a implicitude do conceito na obra de Siqueira, entende-se que a saudade se constitui como um sentimento de pertencimento e retorno ao lugar de origem. A ideia de retorno se manifesta como saudade quando o eu se sente distante de suas raízes e deseja voltar de onde partiu. A chegada se configura como completude e pertencimento do eu ao espaço de existência. Apenas a presença do eu no sertão não é suficiente para aliviar o sentimento de saudade: é preciso que a corporeidade do eu se torne parte do lugar habitado. Dessa forma, o pertencimento existencial dos seres que habitam a caatinga no sertão se torna fundamental para produzir o sentimento de saudade quando existe qualquer fissura entre corpo e natureza, existência e experiência. A mudança das estações se torna fundamental para mover o ciclo da saudade que sustenta o eu no sertão. A eternidade do presente se completa nesse ciclo de mudança causando as *estações da saudade*.

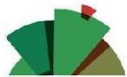
No período da estiagem, Siqueira narra o sofrimento humano de maneira tão



vívida que é possível projetar na leitura a intensidade da dor enfrentada pela personagem. Nessa circunstância, a saudade se torna um sentimento de abandono e desprezo. O sertanejo se sente revoltado com tanta mazela que o sertão enfrenta durante o verão. São contrastes causados por interferências humanas e naturais. O eu poético critica as ações humanas que conduzem à degradação da caatinga e o desolamento da vida no sertão. A poluição causada em grandes centros urbanos e outras interferências químicas são alguns dos exemplos que aparecem na poética de Siqueira. A natureza, mesmo com capacidade de regeneração no tempo de chuva, aparece frágil e imune ao homem que não protege seu próprio habitat.

Após o longo período de estiagem, a chegada da chuva provoca felicidade e resiliência. A terra revigora e os pássaros tornam o canto agourento do verão em felicidade. Os efeitos dessas estações chuvosas constituem um modo de saudade que fortalece o sertanejo durante a estiagem. A poética de Siqueira não revela um sertão seco que seja saudoso para o sertanejo. O homem não sente saudade do sol escaldante, de rios e terras secas, vegetação morta, taperas arruinadas e veredas tortas sem destino certo. O sertanejo sente saudade da chuva que constrói o sertão verdejante e próspero. Quando Gebara (2010) afirma que a saudade se fundamenta e resulta da experiência e história vivida, será que o sertanejo deixa de viver quando enfrenta as mazelas do verão? Por que a vivência no verão é incapaz de construir memórias afetivas que possam resultar em saudade? Com base nesse contexto, partindo de Gebara, percebe-se que a saudade surge não só da experiência vivida, mas também dos prazeres que tais vivências constituem. A estação seca não proporciona o prazer de viver, mas somente o desolamento em busca da sobrevivência. Assim, a manifestação da saudade no tempo seco se torna dolorosa e melancólica. A transmissão desses sentimentos ocorre por meio de elementos da própria caatinga.

A experiência da vivência necessita da construção de laços afetivos. Gebara (2010) destaca que as pessoas necessitam de laços que as unam entre si. O ser é atraído por sentidos. Vive-se, pois, saudosos de histórias que tocam as entranhas. Quando não se tem essa história, as memórias se tornam objeto da imaginação. As histórias são inventadas com as respectivas saudades. A arte, nesse caso, assume uma função necessária para o indivíduo. O desejo de sentir saudade do que não se tem memória afeta não só o sentimento de quem inventa a experiência de vida, mas

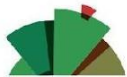


também de quem tem acesso a esse registro afetivo de uma saudade inexistente. A poética de Siqueira lança esse poder de afeto saudoso entre estações para o leitor de sua obra.

O sentimento de saudade na poética de Siqueira pode ser perceptível em diversas passagens dos cânticos de sol e de chuva. Ao tratar do retorno ao sertão, especificamente no início do primeiro cântico, o sentimento de saudade se torna revelador das dores do sujeito que habita as lonjuras de sua terra natal. Como observado anteriormente, o retorno representa a tentativa de reconexão e reconstrução de si para se estabelecer no lugar de origem novamente.

Conforme postula Gebara (2010), a saudade reduz e condensa o mundo e o tempo ao próprio sujeito saudoso. A expressão da saudade, mesmo do outro, é uma forma de sentir saudade do eu e do nós. Existe em cada pessoa um desejo do outro que não se é. Sentimento do mundo em nós. A saudade se desenvolve como desejo de retorno ao útero. Diante disso, partindo das considerações de Gebara, seria possível considerar que o sentimento saudoso do poético retratado por Siqueira se manifesta como uma *saudade uterina*? Além do cântico primeiro, que trata do retorno ao sertão, como citado anteriormente, a oração de Clarinda, no cântico sexto, retrata o sertão numa perspectiva de acolhimento: “Sigo e creio, sem cansaço / Nas mãos às quais sou entregue / Em meu andar, quem me segue / É a fé, com a qual me refaço / Em meu amor correspondido / Pelo sertão renascido / Que ampara a mim e aos meus” (Siqueira, 2011, p. 27). A fé, que ancora a resistência do sertanejo, contribui para um misticismo religioso que sustenta a relação do homem com o lugar onde habita. Ao considerar o sertão como espaço de amparo e acolhimento para reestruturação do ser, entende-se que a *saudade uterina* é fundamental para a existência do eu poético, como retratado por Siqueira, que volta e resiste às mazelas no lugar de origem.

A volta do sertanejo na peça de Siqueira é dolorosa para o sentimento de saudade porque ocorre durante a estação seca. O cenário árido cantado nos primeiros poemas da obra apresenta um céu em chamas devido ao calor intenso. Mesmo diante dessas dificuldades, a saudade permanece presente. No cântico primeiro, o eu poético se depara com paisagens que, embora calorosas, evocam saudade, ainda que seja de algo que não necessariamente traz boas lembranças: A volta numa estação acinzentada, seca e sem vida promove uma sensação de alívio e amparo por retornar



às origens, como se percebe nesses versos do primeiro cântico:

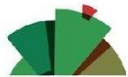
Vertigens e vestígios

Depois de atravessar desertos e charcos, por intrincados caminhos
Retorno, e aqui, por onde quer que os meus olhos divaguem
Divisam na paisagem, claras ou pardacentas vertigens
Lívidas visagens; aflitos retirantes; ocre miragens
Poentas mensagens perdidas no oco do tempo
Desencadeadas por vis ou toscos eventos
[...]
(Siqueira, 2011, p. 10, grifo do autor).

A estiagem faz o eu poético recordar dos tempos de prosperidade no sertão. Os elementos da caatinga produzem estímulos da saudade no eu poético porque atuam como signos. Conforme defende Peirce (2010), os signos só podem atuar como tais quando são considerados signos para alguma coisa. A relação de intimidade e pertencimento que o eu poético estabelece com os espaços do sertão são as bases dos signos que afetam os sentimentos de saudade. As visagens reproduzem eventos que afetam a sensibilidade afetiva do eu que se perde no oco desse tempo vertiginoso. Os retirantes simbolizam movência e desamparo ao romper a *uteridade* do sertão de dentro para fora quando o sertanejo migra.

A abstração do eu poético materializa em signos icônicos o que antes eram signos simbólicos. Um signo icônico, segundo Peirce (2010), representa seu objeto por meio de qualidades de semelhança, tal como uma nuvem que se parece uma ovelha ou um sorvete, mesmo um não tendo nenhuma relação de dependência entre si. Diante disso, a iconicidade ocorre por meio da semelhança que um signo possui em relação a um determinado objeto, considerado qualitativo e possível. Por outro lado, um signo simbólico, ou símbolo, possui certa dependência de processos cognitivos em relação ao seu objeto. O símbolo, por seu turno, constitui-se como uma regra que determina o seu interpretante. Alguns exemplos de símbolos incluem as palavras, os objetos religiosos, que são convencionais, cuja relação signo-objeto-interpretante depende de um processo cognitivo, considerado como transuasão. A transuasão é responsável por manter a relação de semiose entre os diferentes tipos de signos.

Considerando esse processo de semiose que condiciona a relação de afetos do eu poético com o sertão, a caatinga se apresenta com um universo de signos que proporciona ao eu a construção de imagens poéticas resultantes das experiências

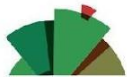


vividas. Dessa forma, cada imagem possui um caráter de iconicidade para o objeto com o qual se relaciona, como as visagens relacionadas aos retirantes. Essas imagens se tornam possíveis de serem apreendidas pelo eu poético e comunicadas como tais ao leitor por passarem do universo simbólico para o icônico. Pignatari (2017) considera que na poesia se sobrepõe a tradução de signos simbólicos em signos icônicos. Essa passagem se deve ao fato de a poesia ter o poder de apresentar imagens que se assemelham ao objeto que retrata. A poética de Siqueira possui em seus cânticos de sol e de chuva as imagens do sertão. A poesia, nesse caso, deve se assemelhar ao que retrata em versos.

Ainda que a poesia seja icônica por retratar seu objeto por semelhança de qualidade, a apreensão da poesia ocorre por meio de símbolos simbólicos, que são as palavras sobre o papel. A visualidade dos versos se reflete na transuasão do processo de iconicidade que cada poema possui para a obra como um todo. Diante disso, entende-se que a caatinga é saudosa para o eu poético por meio de cores, sons e seres vivos. Além das paisagens humanas, observa-se que as árvores, especialmente a catingueira, atuam como signos para o eu poético quando estimulam o sentimento de saudade em relação às memórias construídas nos tempos de bonanças. Ainda que a saudade não seja diretamente mencionada, ela aparece implicitamente na esperança de que a situação ruim pode melhorar e o sertão voltar a ser florido: “Ainda aqui estamos / Os mesmos olhos perdidos / E a mesma reascendida esperança / Na auriverde copa da catingueira re florida” (Siqueira, 2017, p. 117). A esperança de ver a caatinga florida simboliza a saudade de um sertão vivo e próspero, um sentimento que Siqueira demonstra compreender com sensibilidade.

Após todo o sofrimento na estação seca, a chegada da chuva traz grande alegria ao sertanejo. O tempo de bonança transforma a paisagem. Os pássaros cantam mais felizes e a terra se enche de vida. Quando esse período passa, o sertão se transforma em uma memória rica, na qual se misturam saudades e nostalgia. Siqueira canta essa saudade com um tom de alívio, como se o renascimento do sertão fosse a realização de um sonho. A nostalgia e o misticismo assumem valores de afeição pelo sertão capaz de resistir ao tempo.

A poética de Siqueira traduz em versos uma caatinga impregnada de sentimento. A catingueira possui um valor lírico e confortante recorrente para o eu poético. Dessa maneira, entende-se que os elementos do sertão são experienciados



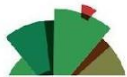
pelo eu poético como estratégias de semiose para constituir os afetos de saudade e outros sentimentos humanos em tempos de bonanças e mazelas.

O reflorescimento das árvores borda os olhos do eu poético ao se deleitar com o alívio de um sofrimento que se transforma com a mudança das estações. Essa perspectiva revela uma saudade implícita que se torna primordial na poética de Siqueira. A postura saudosista do eu poético permite afirmar que é por meio da saudade que outros sentimentos se manifestam, como a felicidade e gratidão pela chegada da chuva. A saudade surge por meio do ciclo natural das estações no sertão. No tempo de seca, a saudade está associada a sentimentos dolorosos, como tristeza, irritação e ansiedade. Já nos cânticos de chuva, a saudade surge de forma mais sentimental, ligada à esperança, nostalgia e ao afeto. Embora esses sentimentos variem em intensidade, a saudade implícita permeia toda a obra, especialmente nos signos que retratam as paisagens humanas e naturais do sertão.

Considerações finais

Os cânticos de sol de chuva da caatinga retratados por Siqueira apresentam as sutilezas afetivas do sertanejo que se ajustam às mudanças das estações. Cada canto revela uma memória que se embasa na saudade fundamentada em paisagens animais, humanas, materiais e vegetais. A implicitude da saudade na poética de Siqueira revela como as experiências de vida condicionam o comportamento existencial dos seres que habitam e pertencem ao sertão.

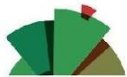
As paisagens do sertão, para Siqueira, se constituem em duas estações bem delimitadas: o período de estiagem e o de chuva. As duas épocas são conhecidas pelo sertanejo como verão e inverno, respectivamente. Siqueira revela em sua poética que o período de estiagem se manifesta em cores quentes e acinzentadas. O bioma da caatinga padece com as mazelas trazidas pela seca. A escassez de água e alimento nessa época desafia a sobrevivência dos seres que habitam o sertão. A estiagem faz brotar também a resistência e o misticismo, surgindo o desejo de superação com a chegada da chuva. O cântico de sol é doloroso, melancólico e agourento. Os signos do sertão, como as árvores, cores, plantas e sons, circundam o homem de tal forma que a natureza conecta os seres ao mesmo enraizamento existencial. Mesmo quando há saudade no período de estiagem, que não é do sertão seco, as memórias do tempo de bonança se tornam acinzentadas tal qual a paisagem seca e desolada.



As paisagens da estação chuvosa são esverdeadas e coloridas. As cores trazidas pela chuva enfeitam a flora de maneira que se reflete na contemplação do sertanejo, no canto dos pássaros, nas cores das árvores. Os cânticos de chuva lavam da estação seca a poeira impregnada no sertanejo que sente saudade da terra molhada com cheiro de plantação. O solo fertilizado garante a reprodução de alimentos que movimentam o ciclo de vida em todas as esferas de vida no bioma da caatinga. A vida brotada na chuva se fortalece a ponto de resistir ao sol. A beleza dos campos e do sertão molhado equilibra a temporalidade do sertão carcomido no verão. Dessa forma, o desequilíbrio do bioma ocorre quando seus próprios brotos partem para terras distantes sem perspectiva de reconexão às origens. Todavia, Siqueira ressalta que o desejo de retorno é permanente no sertanejo que se sente forçado a desertar de suas terras. A volta representa o encontro consigo mesmo depois de um desequilíbrio afetivo. A saudade move e comove o sertanejo de volta ao buraco de onde arrancou suas próprias raízes.

Partindo dessas observações, entende-se que as vivências prazerosas são basilares para a manutenção da saudade. Por outro lado, as circunstâncias dolorosas e afetadas por mazelas, como defende Bertini (2016), não produzem sentimentos de saudade. O eu poético revela que o sertão seco não produz sentimento saudoso. As paisagens do sertão de estio, dessa maneira, funcionam como motricidade para mudança das estações. Os contrastes sustentam a ambivalência dos afetos em tempos de chuva e sol. Diante disso, considerando as discussões levantadas, especialmente a partir da perspectiva de Gebara (2010), a expressão da saudade implícita na poética de Siqueira revela o retorno como uma saudade uterina. O renascimento e a reconstrução por voltar às origens sustentam a uteridade saudosa do sertanejo que fracassa por ter ido embora. O desejo do retorno é uma eterna busca pelo sentido de si no tempo. Desse modo, a saudade transcende os sentimentos humanos: o sertanejo sente saudade não somente de si e do semelhante, mas também das paisagens animais, materiais e vegetais que deslocam o sertão em experiências afetivas e mnemônicas. Os versos rimados e metrificadas em alguns casos ninam a saudade do eu que se sente reconectado ao lar uterino para adormecer depois das estações da vida.

Siqueira articula em suas paisagens poéticas uma caatinga viva, em que cada estação expressa uma transuasão de afetos e modos de existência que se



complementam entre si em semiose. Este estudo revela que o lirismo musical e poético de Siqueira convida o leitor a perceber como a experiência de percepção do mundo afeta o entendimento que se tem dos signos que movimentam as coisas e os seres no mundo. O equilíbrio entre dor e prazer é essencial para não desequilibrar também os outros modos de experiência vivida. Assim, esta pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla da saudade e da cultura sertaneja, reforçando a relevância das paisagens e memórias na formação identitária poética e afetiva do sertão na caatinga. A expressão do apego emocional às experiências vividas e o desejo de reconexão com o passado se tornam basilares para a expressão da saudade.

Apesar da riqueza poética, a obra pode apresentar certa limitação para leitores que buscam uma visão mais moderna e crítica sobre as questões sociais e econômicas que afetam o sertão e seus habitantes. A exaltação da resistência e do afeto pode obscurecer a complexidade das dificuldades enfrentadas pelo sertanejo, incluindo a desigualdade, abandono e carência de oportunidade de progresso. Além disso, a idealização do bioma da caatinga não se resume ao fatalismo na poética de Siqueira. Pelo contrário, a reprodução de vida surge como um mistério nos gêmeos que fazem parte da peça. Siqueira não moraliza a narrativa poética trazendo propostas políticas e sociais. A obra apenas problematiza o sertão de modo intrigante e perturbador por meio de sonoridade ardilosa e sutil como o sertão.

Agradecimento

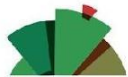
Este estudo é resultado de um projeto PIBIC-JR, desenvolvido com base no Edital n.º 86/2023 e viabilizado por meio da concessão de bolsas e recursos do Programa de Auxílio a Projetos de Iniciação Científica e Tecnológica (APICPEX) do IFSertãoPE, conforme a Chamada n.º 01/2024. Agradecemos ao IFSertãoPE, especialmente ao Campus Santa Maria da Boa Vista, por todo o suporte financeiro e técnico dado durante a execução do projeto.

Referências

BERTINI, F. O conceito de saudade (desiderium): a pertinência de uma tradução. *Santa Barbara Portuguese Studies*, University of California, p. 1-10, 2016.

Disponível em:

https://www.sbtps.spanport.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu.span.d7_sbtps/files/sitefiles/bertini.pdf. Acesso em: 21 out. 2024.



COSTA, D. Saudade, unidade perdida, unidade reencontrada. *In*: COSTA, D.; GOMES, P. **Introdução à saudade**: antologia teórica e aproximação crítica. Porto: Lello & Irmão, 1976. p. 77-155.

FERREIRA, A. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Coordenação e edição de Marina Baird Ferreira. 8. ed. ver. atual. Curitiba: PSD Educação, 2020.

GEBARA, I. **O que é saudade**. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos; 340)

GOMES, P. Saudade ou do mesmo e do outro. *In*: COSTA, D.; GOMES, P. **Introdução à saudade**: antologia teórica e aproximação crítica. Porto: Lello & Irmão, 1976. p. 157-215.

PEIRCE, C. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Estudos; 46; dirigida por J. Guinsburg)

PIGNATARI, D. **Semiótica & literatura**. 8. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

RAMOS, G. **Vidas secas**. Posfácio de Hermenegildo Bastos. 120. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SIQUEIRA, V. **Cânticos de sol e de chuva**: auto de Natal na caatinga. Santa Cruz, PE: Arte Ofício, 2011.

SIQUEIRA, V. Cânticos de sol e de chuva: auto de Natal na caatinga. *In*: SIQUEIRA, V. **Há 60 anos - no poema do estro**. Petrolina, PE: Arte Ofício: Sebo Rebuliço: Amaprint, 2017. p. 97-151.

TEIXEIRA, A. **A filosofia da saudade**. Lisboa: Quidnovi, 2006.